

CLARISSA: REFLEXÕES SOBRE A PERSONAGEM FEMININA NO CONTEXTO ROMANESCO DE ERICO VERISSIMO

Por Carla Rosane da Silva Tavares Alves¹ & Dânae Rasia da Silva²

Considerações iniciais

O presente texto sintetiza estudos feitos, no projeto PAPCT³-UNICRUZ, intitulado *Clarissa: um olhar sobre a personagem feminina no romance de Erico Verissimo, que* abordou a representação feminina em romances do Ciclo Clarissa, de Erico Verissimo, elegendo-se como *corpus*: *Clarissa* (1933), *Música ao longe* (1935) e *Um lugar ao sol* (1936). A pesquisa, bibliográfica e hermenêutica, teve como objetivo geral possibilitar uma visão das relações de gênero, que se estabelecem comparativamente nas obras escolhidas. Dentro da linha de pesquisa Linguagem e Comunicação, foram fundamentais os aportes de teóricos, como: Bosi (1998), Chaves (1981) e Moisés (2006), no âmbito dos estudos literários e, nos estudos de gênero e crítica literária feminista, Lauretis (1992), Hollanda (1994) e Smith (2003).

O estudo em apreço permitiu a verificação de diferentes vozes discursivas, reveladoras da representação da mulher nas narrativas elencadas, com suas peculiaridades e visões de mundo, configuradoras da própria identidade feminina em contextos diversos. Assim, é pertinente lembrar, como é de conhecimento geral, que Erico Verissimo é um escritor gaúcho, nascido em Cruz Alta, Terra da Panelinha, que ocupa um importante espaço nos cenários nacional e internacional, pela qualidade de sua poética.

Verissimo é autor de livros que se tornaram *best-sellers*, e, no dizer de Bosi (1998), os romances do Ciclo de Vasco e Clarissa sofrem a influência da ficção inglesa e norte-americana, dentre as quais de Huxley, Dos Passos e Mansfield.

A ênfase teórica da pesquisa centrou-se nos estudos de gênero e da crítica feminista brasileira, fundamentação necessária para a análise das obras literárias propostas. No entendimento de Lauretis (1992, p, 25), “gênero é [uma] representação [...]”, envolvendo não

¹ Doutora em Letras - Literatura Comparada (UFRGS). Coordenadora do projeto e do GEPELC - Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Linguagens e Comunicação, ao qual está vinculada a pesquisa. Professora e Coordenadora do Curso de Letras da UNICRUZ. ctavares@unicruz.edu.br

² Bolsista do projeto e membro do GEPELC, na época. Graduada em Letras - Português-Espanhol. danaerasia@hotmail.com

³ Programa de Apoio à Pesquisa Científica e Tecnológica da Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ.

apenas traços de sexualidade, mas todo o conjunto de traços sociais, culturais, políticos, ideológicos e étnicos, dentre outros, que compõem a identidade do sujeito enquanto ser de relações sociointeracionistas. E a “[...] representação de gênero é a sua construção [...]”, que “[...] também se faz através de sua desconstrução [...]”.

Vale lembrar que, no estágio atual das discussões a respeito de gênero, no consenso da crítica feminista, não se está vivendo mais um tempo em que a mulher, para poder se fazer reconhecer, precisava “arrombar” portas. É bem verdade que, hoje, a mulher luta pela preservação de seu espaço e pela compreensão de que as questões de gênero vão além de traços biológicos distintivos que dizem respeito a sexo, envolvendo construções sociais, históricas e culturais, dentre outras que compõem a visão de mundo feminina, mas ela já percorreu uma caminhada que lhe permite se situar politicamente no universo.

Análise e resultados

Dentro da proposta traçada, neste estudo, verificou-se o avanço da sociedade brasileira em termos socioculturais, a partir da realização da Semana de Arte Moderna, em fevereiro de 1922, quando um grupo de artistas de diferentes áreas, como os escritores Mário de Andrade e Oswald de Andrade, em meio a tantos nomes das letras nacionais, juntamente com pintores, músicos e escultores, recebendo influência da vanguarda europeia, deram início ao movimento que radicalizaria as artes brasileiras.

Assim, os romances urbanos, integrantes do *corpus* da pesquisa, produzidos nos anos trinta, propiciaram uma leitura analítica comparativa, quanto à evolução/movimento social da personagem Clarissa. *Clarissa* é o primeiro romance de Verissimo, escrito na primeira fase da estética moderna, dentro de uma estratégia realista, que mostra a preferência do autor pelo detalhamento descritivo e pela visão fotográfica, como destaca a crítica literária, de um modo geral.

Esse romance de 1933 centra-se em uma menina que vem de Jacarecanga (cidade imaginária) para Porto Alegre, mais especificamente para a pensão de sua tia Eufрасina, a fim de estudar e se formar professora, retornando, então, à terra natal. Nesse contexto, o mundo é revelado pela perspectiva da protagonista, que, com uma concepção de mundo adolescente, vai descobrindo as coisas e as pessoas ao seu redor.

Clarissa apresenta um ponto de vista feminino dessa menina de treze, quatorze anos, que, vivendo na capital, sente saudade da vida na fazenda. Trata-se de uma jovem que, perseguindo o ideal do magistério, vive a contradição. De um lado, as recomendações da tia, que não lhe saem da cabeça, a fim de “[...] ter compostura: andar a passo normal, não rir alto, não saltar... Caminhar como o seu Amaro: descansadamente, braços caídos, cara séria, sem olhar para os lados nem para cima... Andar como um boneco de mola” (VERISSIMO, 1997, p. 20). De outro lado, a garota deixa-se levar pelas emoções juvenis. “Clarissa ainda corre sob as árvores. Grita, sacode a cabeleira negra, agita os braços, pára, olha, ri, torna a correr, perseguindo agora uma borboleta amarela” (VERISSIMO, 1997, p. 11). Em meio a tudo isso, verifica-se que Clarissa apresenta um perfil de menina-moça avançado para sua época, revelando essa modernidade, através das inúmeras interrogações que faz diante de tudo e de todas as questões que lhe são apresentadas.

Em contraposição, certamente por influência da época, em alguns momentos, a personagem demonstra, mesmo que em tom de irreverência e descompromisso juvenil, resquícios de preconceito e racismo. Isso pode ser visto especialmente em relação à Belmira, a empregada da pensão:

Voz de gente ordinária — repete Clarissa. Mulata! Um rapaz branco de boa família falando em mulatas, cantando essas canções reles. Mulata é a Belmira, que namora um guarda-civil e diz nomes feios. Nem sei como é que a tia Eufrasina ainda não despachou essa desaforada... (VERISSIMO, 1997, p. 27).

Pela perspectiva do narrador, percebe-se Clarissa como símbolo de movimento, musicalidade e alegria, encantando-se com as descobertas e as belezas do dia: “Por que será que a vida parece melhor e mais bonita de manhã quando há mais sol, vento fresco, céu azul?” (VERISSIMO, 1997, p. 20).

Por outro lado, o romance permite estabelecer uma série de contrapontos⁴ entre as diferentes personagens, sendo a técnica explorada por Erico Verissimo, a partir de Aldous Huxley, cuja obra *Contraponto* foi traduzida pelo escritor, e o auge de sua exploração dá-se, por exemplo, com *Caminhos cruzados* (1935). Aqui, elege-se como representativo o paralelo que se estabelece

⁴ A técnica do contraponto coloca lado a lado personagens e/ou situações vivenciadas por elas, que seguem direções opostas, não havendo um centro narrativo (GONZAGA, Sergius, 1998).

entre Clarissa e Amaro. Clarissa: jovem, alegre, cheia de vida e desejo de descobertas, ativa, iniciando a vida. Como mostra o narrador: “Sente ímpetos de dançar, correr, cantar, pegar no rabo dos cachorros, jogar pedras nos vidros das vitrinas, botar a língua para a mulher gorducha que está escarrapachada numa cadeira ali na frente do mercadinho de frutas...” (VERISSIMO, 1997, p. 20). Amaro: sombrio, calado, contido, o próprio oposto da menina, homem maduro de quarenta anos, inteligente e que nas horas vagas se dedica a compor músicas ao piano. O bancário, sempre com a feição carrancuda e expressão ausente, simboliza o passado e a frustração de sonhos:

Olhando Clarissa que ainda corre e salta no pátio, Amaro sente como nunca o peso de sua imobilidade. Ele – o homem parado, a negação do movimento. Sempre ali, fechado com os seus poetas, os seus músicos, no quarto pequeno de solteiro. Sempre prisioneiro. Lá fora, as paisagens faiscantes, as raparigas em flor, um mundo que se oferece todo cheio de surpresas e de oportunidades de prazer e beleza (VERISSIMO, 1997, p. 75).

Na perspectiva da garota, há esperança de transformações em curto prazo: “Dentro de pouco tempo tudo vai mudar. Mamãe já prometeu em carta: *Quando fizeres quatorze anos eu te dou licença para botar sapato de salto alto* (VERISSIMO, 1997, p.24). O narrador onisciente em terceira pessoa acompanha essa visão otimista e cheia de expectativas:

Tudo então ficará diferente. Ela deixará as bonecas. Será uma moça, uma senhorita que os rapazes na rua cumprimentarão atenciosamente, tirando o chapéu. E ela responderá com um aceno de cabeça, e um leve sorriso. Passará serenamente, e eles ficarão dizendo elogios... (VERISSIMO, 1997, p. 24–25).

Imergindo em um mundo de acontecimentos corriqueiros, esse narrador revela o olhar da protagonista sobre a realidade circundante. E é assim, através da observação das pequenas coisas e pelo resgate de memória, que Clarissa vai percebendo o mundo e ampliando sua consciência sobre o mesmo. É a menina que se encanta com um universo de descobertas, de tonalidades e movimentos, de acontecimentos e sensações.

O recorte a seguir, com a enunciação do narrador, é ilustrativo dessa percepção, traduzindo um pouco da personagem que, enquanto sujeito mulher, vai-se constituindo no imaginário do leitor.

Clarissa segue num encantamento. Sua sombra se espicha na escada. Como a vida é boa! E como seria mil vezes melhor, se não houvesse esta necessidade (necessidade não: obrigação) de ir para o colégio, de ficar horas e horas curvada sobre a classe, rabiscando números, escrevendo frases e palavras, aprendendo onde fica o Cabo da Boa Esperança, quem foi Tomé de Sousa, em quantas partes se divide o corpo humano, como é que se acha a área de um triângulo...

Os olhos de Clarissa dançam de cá para lá examinando tudo...

A rua está animada. Nas portas das lojas de fazendas as pontas soltas das peças de seda voam como rútilas bandeiras. Passam homens e mulheres e crianças e cachorros (VERISSIMO, 1997, p. 20-21).

Com relação à *Música ao longe* (1935), é importante destacar que se trata de um romance detentor do “Prêmio Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras, em 1954, no qual se vê uma espécie de continuação de *Clarissa*. Aqui, retornando a Jacarecanga, a personagem Clarissa, já na condição de jovem professora, através da elaboração de um diário — estratégia literária que caracteriza a existência de uma narrativa dentro da narrativa maior —, possibilita ao leitor acesso às suas percepções, bem como o conhecimento das demais personagens. Pelo entrecruzamento de vozes femininas e masculinas, verifica-se a ampliação da concepção de mundo da jovem, agora com dezesseis anos, especialmente pela relação entre Clarissa e Vasco.

Nessa obra, são salientados aspectos de seu perfil como professora, a partir de situações corriqueiras no âmbito escolar, seu relacionamento com os alunos, além da cobrança de atitudes que não podem ser observadas em uma mulher que exerce tal profissão. Dois de seus hábitos, ler e escrever em seu diário, grande confidente, revelam um perfil de leitora e escritora, apesar da complicada situação que a família Albuquerque vive, em virtude de uma derrocada, tanto econômica quanto moral.

Sua identidade sexual é denotada em suas ações. Uma jovem mulher, recém-formada, enfrentando dificuldades no retorno a sua terra natal, onde o machismo gaúcho está presente em todos os homens da família, exceto no primo Vasco Bruno, sua antiga paixão. Esse moço de vinte e um anos, a quem chamavam Gato do Mato, era brilhante, valente, arredo, desejoso de fugir da cidade, e que por causa do pai, a família não sente orgulho. Verissimo concentra-se nesses dois personagens.

Não faz mal. Não preciso da amizade dele. No princípio eu me iludi. Diziam que ele era um ente ruim, um menino inútil e vagabundo. Um dia

descobri que Gato do Mato era diferente, gostava de ler, sabia desenhar e conversava coisas sérias. Então pensei que podíamos ser amigos, muito amigos.

[...]

Agora tudo se transformou em amizade, quase em admiração. Pensei que nós nos podíamos entender e que por fim eu ia encontrar uma pessoa amiga, bem amiga para conversar.

Outra desilusão. Ninguém pode com a vida de Gato do Mato. É bem como o gato da história que eu li num livro não me lembro de que autor. O bicho que era mesmo rebelde, orgulhoso e não queria saber de companheiros (VERISSIMO, 2005, p. 196).

Com a conhecida simplicidade da linguagem de Verissimo, mas nem por isso menos poética, vão sendo compostos os desdobramentos da narrativa. Na compreensão do próprio autor (contracapa):

As personagens deste romance mais parecem sombras cinzentas do que pessoas vivas; e também de cinza é o fundo contra o qual se movem. Dentre elas avulta talvez apenas Vasco Bruno, que não chega a ser bem uma realização, mas uma calorosa promessa...

O leitor, através das sensações da jovem Clarissa, pode verificar o processo de amadurecimento da professora, que, ao poucos, vai encaminhando-se para a vida adulta. Por outro lado, a decadência dos Albuquerque, família rica e respeitada em toda a cidade, revela as inconstâncias da vida, mescladas a orgulho e tradição. Após a morte de Olivério, incapazes de levar à frente a administração das propriedades, e sem o pulso firme do patriarca, os Albuquerque perdem seu patrimônio, por não conseguirem manter o ritmo de trabalho dos imigrantes que chegam à região. Toda essa situação de perdas deixa indignada a família de Clarissa, em especial João de Deus, seu pai. Apesar da situação econômica crítica, o mais velho dos irmãos apenas faz planos de negócios promissores, que sempre são adiados.

Silêncio. Os Albuquerques pensam nos seus pecados. Uma vida de facilidades, farras, mulheres, bolsa de cordéis frouxos, preguiça, luxúria. “Papai é rico.” “Nos Albuquerques ninguém encosta um dedo.” “Meu avô foi um grande general.” “Temos léguas de campo, gado em penca” (VERISSIMO, 2005p, 69).

Os tios, referências masculinas, são descritos repletos de defeitos: Amâncio vicia-se em cocaína; Jovino, em álcool. Em meio a todos os problemas da vida familiar, Clarissa sonha. “... não

admite que uma criatura possa ser feia, má e triste gratuitamente, de nascimento, sem motivo justificável” (VERISSIMO, 2005, p. 62). Considera-se uma moça alegre, mas, às vezes, sente-se triste por não ter amigos; não vive como sonhou, mas tem esperanças em momentos mais felizes e na chegada de “seu príncipe” e com isso vai compondo — e também se decepcionando — o seu imaginário afetivo.

A jovem também concentra suas reflexões no passar dos anos: a velhice e a feiura também a assombram: “Estou ficando feia. Antigamente andava sempre sorrindo. Agora não. Cara amarrada, rugas na testa, mais magra. Professora Clarissa. Sim senhora!” (VERISSIMO, 2005, p. 46). Registra em seu diário o andar de suas reflexões acerca da efemeridade das fases da vida. Preocupada com a fugacidade da beleza, há momentos em que chega a ser cômica:

Fiquei pensando muito na velhice. Parece mentira que uma moça pode ser bonita, viva, inspirar versos aos poetas, ter apaixonados e depois o tempo passa e essa moça vai ficando mais velha, mais velha, até virar passa de figo, enrugada, encurvada, de cabelos brancos, sem dentes (que horror! sem dentes!). A vida é muito engraçada. Não, a vida é muito triste. Haverá coisa mais terrível do que a gente ser velha e se lembrar de que já foi moça. Ser velha e ir se olhar num espelho e enxergar dentro dele uma cara que é quase uma caveira? E quando vem a caduquice? A gente anda resmungando pelos cantos, mascarando fumo e se portando como criança de três anos. (VERISSIMO, 2005, p. 74)

No cotejo entre as figuras femininas e masculinas, percebe-se que a obra é constituída de contrastes. As mulheres são sempre submissas, acatam as ordens dos maridos, pais ou tios. A figura do homem gaúcho é ressaltada, na referência aos heróis que combatiam em guerra. O homem como mantenedor do lar permanece intocável, até mesmo quando João de Deus pede dinheiro à filha. “Eles têm um nome tradicional. Generais e heróis, benfeitores e homens de honra. [...] As contas simplesmente não existem. Tocar nelas, falar nelas é um sacrilégio...” (VERISSIMO, 2005, p. 110).

Vasco é a personagem masculina que foge desse estereótipo. Ao empregar-se na padaria do Gamba, ele mostra não possuir o orgulho que dizem ter. Desconsidera a tradição patriarcal e age conforme seus próprios ideais. Sua postura rompe com o paradigma machista centralizador.

Quando o assunto se concentra em “dinheiro”, as personagens femininas ficam de fora, como uma explicitação da posição mantenedora do macho. “A cara de João de Deus ensombrece. E

Clarissa sente que vão cair no assunto que as mulheres temem: negócios.” (VERISSIMO, 2005, p. 24). A moça, às vezes, sente-se culpada por ter nascido mulher, pois seu pai desejava um filho homem que o ajudasse. Por outro lado, o orgulho masculino impede que os Albuquerque trabalhem como empregados, pois, acreditando ter sangue azul, não podem trabalhar para imigrantes, revelando seu preconceito.

Nesse sentido, a própria História é vista predominantemente sob o viés masculino; o olhar feminino é relegado a “pequenas histórias”. Essa discriminação, sob o manto da tradição, é bem visível. Segundo Smith (2003, p. 17), ao longo dos tempos,

[...] as mulheres têm sido vistas como incapazes de alcançar a profundidade necessária para a história ou o autoconhecimento. Elas ocupam um degrau inferior na escada do ser cognitivo – más profissionais, na verdade, como eram com frequência [*sic*] consideradas as muitas historiadoras amadoras, inclusive por elas mesmas.

Em música ao longe, Dona Clemência, mãe de Clarissa, é uma mulher passiva, que, para não entrar em conflito com João de Deus, acaba por ser subserviente, assim como as outras mulheres da casa. Sua irmã, Cleonice, é noiva de Pio Pinto, há doze anos, e aguarda que o ordenado do noivo aumente para que possam, enfim, se casar. Clarissa trabalha, ajuda nas despesas da casa, mas sonha, como toda moça de sua idade, em encontrar o homem que a tornará realmente feliz. Assim, a protagonista apresenta um perfil identitário que, em parte, destoa das mulheres provincianas, representando a busca do conhecimento e a sustentação econômica do lar. Por outro lado, reforça o comportamento social esperado de uma mulher solteira. Essa ambivalência contribui para a rica configuração da personagem, que se insere verossimilmente em um contexto de base fortemente machista.

O recorte, a seguir, mostra-se pertinente às reflexões feitas no decorrer da pesquisa:

O percurso histórico da mulher, como se sabe, seguiu um caminho oposto ao do homem, sendo o sujeito feminino relegado, por muito tempo, ao espaço e ao silêncio da exclusão. Até bem pouco tempo, somente o homem era compreendido como ser político e, portanto, construtor da História. À mulher não era concedida a possibilidade de participar dos processos intelecto–produtivos; sua experiência não era considerada relevante, porque seu fazer se restringia basicamente às relações familiares. [...] Somente a partir dos anos de 1960, começa a ocorrer uma mudança no rumo da historiografia, verificando-se uma maior inserção da

mulher no mundo produtivo. Com efeito, a História do gênero feminino passa a ocupar um lugar que, por direito, sempre lhe pertenceu, mas que era silenciado, por conta de um discurso, preponderantemente, masculino, dotado de uma suposta neutralidade que alijava a figura feminina do centro dos acontecimentos [...] (TAVARES, 2007, p. 27-29).

Como se vê, a história da trajetória feminina ainda revela a necessidade de mudanças posturais da própria mulher em relação a si mesma. Duarte (1997, p. 60) relata ainda que: “Temos consciência de que um enorme esforço analítico e interpretativo é necessário para reconstruir esta história, pois se as mulheres eram consideradas seres de segunda classe, na maioria das vezes isso estava tão introjetado que elas mesmas se viam como tais”.

No Brasil, as mudanças decorrentes do movimento modernista constituíram-se em uma ruptura inovadora, começando a ser transformada a presença feminina no universo cultural brasileiro.

Retornando ao universo literário, em *Um lugar ao sol* (1936), a vida é retratada, especialmente através das personagens Clarissa, Fernanda e Vasco, com as quais o leitor acompanha o processo de descobertas, os sonhos e a luta pela sobrevivência, no grande centro urbano. Isso já pode ser exemplificado pela enunciação de um narrador onisciente em terceira pessoa, que acompanha as frustrações de Vasco diante das dificuldades financeiras, o constrangimento frente às pessoas de casa, a censura de D. Clemência e, principalmente, a vergonha de Clarissa, agora sua paixão. A esperança na abertura de novos caminhos, a par da necessidade de emprego, povoam a consciência dessa personagem representativa da perspectiva masculina, no contexto narrativo. Aqui, o leitor depara-se com a figura do homem envolvido com as contradições, a boemia e o regramento da sociedade, ao lado desse novo sentimento pela prima Clarissa.

Nesse universo de múltiplas vivências, sobressai a possibilidade de reflexão sobre o destino do ser humano e, como explicita o próprio título do romance, todos têm *Um lugar ao sol*, embora a complexidade da vida revele adversidades inúmeras. Nesse tocante, a narrativa traça um panorama social, em que se visualizam as personagens com sua problemática da existência, mostrando também o inter-relacionamento, como momentos de compreensão, coragem, ternura, solidariedade e paixão.

Cumprer destacar que a realização da presente pesquisa possibilitou a construção da base teórica de um importante movimento literário ocorrido no Brasil, o Modernismo, que, através de reconhecidos autores, proclamaram uma nova forma de fazer literatura no país, rompendo com o passadismo.

Sem fugir da revolução ideológica proposta pela nova estética, Erico Verissimo, incluído na segunda geração de modernistas, contempla em seu “Ciclo de Clarissa” a personagem feminina que leva este nome por representar a “luz” em contraste a situações cotidianas que abrangem, desde a infância da menina até sua maturidade, com as mazelas, sonhos e alegrias da professora apaixonada pelo primo Vasco. Além de analisar aspectos como a verossimilhança, presente não só na descrição realista do ambiente em que as personagens vivem, como nos seus elementos psicológicos, Erico Verissimo universaliza, dando sua dimensão de humanidade, a partir da revelação do plano social.

A clara incorporação de tipos característicos do povo gaúcho, dos falares regionais e algumas passagens de denúncia política traduzem a ânsia do escritor cruz-altense frente a conflitos individuais, entre opressores e oprimidos e divisão classial, no decorrer dos três títulos. Em relação à estrutura dos dois subsequentes, Chaves (1981, p. 28) observa:

Do ponto de vista estrutural, vale a pena registrar uma alteração notável em relação ao livro de 1933, devida, esta sim, à influência de Aldous Huxley. Não havendo personagens centrais, este mundo, em que os caminhos apenas se cruzam mas não convergem, não possui já um centro. O método narrativo funciona como a sua paráfrase, justapondo e contrapondo as diferentes histórias, pedaços que refletem a variabilidade do real, mas em nenhuma hipótese concorrem para estabelecer a sua síntese harmônica.

Em termos de gênero e representação, o leitor pode acompanhar as transformações pelas quais passou a menina Clarissa, desde sua formação escolar, vivendo na pensão de sua tia, sua volta à terra natal e a derrocada da família, e a transferência de moradia para a capital gaúcha com sua mãe e seu primo. A condição humana é refletida nesses acontecimentos, e a intensidade do machismo confirmada nos Albuquerque, arquétipo do patriarcado rural, denota o declínio desse sistema típico do interior gaúcho. Esses conceitos radicados no âmbito familiar estão presentes nos hábitos e, em consequência, no inconsciente dessa esfera da sociedade, de forma a explicitar

uma crítica social na ficção do autor. Assim, tem-se a unidade entre os diferentes segmentos do “Ciclo de Clarissa”.

Através da apreensão da engrenagem social e seu detalhismo descritivo, a partir das vivências da protagonista, pode-se observar que as personagens femininas que povoam as três obras do escritor gaúcho são mulheres, de certa forma, determinadas, e se sobressaem em qualidades positivas em relação às personagens masculinas, que revelam comodismo e são repletas de vícios.

Verissimo reflete em suas obras do “Ciclo de Clarissa” a crescente industrialização do país em fins do século XIX e início do século XX, momento em que o trabalho docente se feminizou, e tornou-se fundamental na democratização do ensino como meio de integração social. Somou-se ao caráter político desta profissão a emancipação da mulher, que já ocupava vários espaços sociais importantes, tinha o seu salário, e lutava pelo direito ao voto.

É nesse contexto político-social que Clarissa se apresenta, em seu mundo introspectivo, e repleto de mudanças características na vida de uma moça, que, apesar de jovem, ampara economicamente uma família em decaída financeira. O estilo poético presente na narrativa de Verissimo permite que a personagem seja vista nessa fase de descobrimento de sentimentos novos, uma mulher cheia de alegrias, imaginação e desejos.

Conclusão

O desenvolvimento da presente pesquisa possibilitou a verificação das relações de gênero, que se estabelecem entre as personagens dos três romances urbanos: *Clarissa* (1933), *Música ao longe* (1935) e *Um lugar ao sol* (1936), que apresentam uma configuração condizente com a realidade social de seus universos literários — seja o interior de Jacarecanga, seja a capital gaúcha da época. As três obras fazem uma exploração do eixo temático, que se centra em Clarissa. Com isso foi possível o acompanhamento sociocultural dessa figura feminina.

No conjunto das obras, percebe-se o imbricamento do sujeito feminino, no contexto socioeconômico e cultural, uma vez que é no processo interativo com os sujeitos masculinos e femininos que se sobressai a voz e ação da mulher, não se constituindo, pois, no isolacionismo.

Dessa forma, à luz dos aportes teóricos indicados para a elaboração da pesquisa, acredita-se que o estudo feito possa contribuir com o aprofundamento da discussão e análise

acerca da questão da representação feminina na obra de Erico Verissimo (e os romances escolhidos mostraram-se como um recorte apropriado para o estudo em tese), servindo de referencial para outras pesquisas a serem empreendidas.

Referências

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39 ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo & sociedade**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- DUARTE, Constância Lima. O cânone e a autoria feminina. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (Org.). **Mulheres e literatura**. Porto Alegre: Ed. Palloti, 1997.
- GONZAGA, Sergius. **Manual de literatura brasileira**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Feminismo em tempos pós-modernos*. In: —· (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp. 7-22.
- LAURETIS, Teresa de. *A tecnologia do gênero*. In: **A mulher na Literatura**. Florianópolis: UFSC. 1992.
- SMITH, Bonnie G. **Gênero e História: homens, mulheres e a prática histórica**. São Paulo: EDUSC, 2003.
- TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa**. (Tese de Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2007.
- VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. 56 ed, São Paulo: Globo, 1997.
- **Música ao longe**. 39 ed. São Paulo: Globo, 2005.
- **Um lugar ao sol**. 28 ed. São Paulo: Globo, 2006.